

Trajetória de pesquisa sobre redes de relações: notas sobre uma família de Santo

Trayectoria de investigación sobre redes de relaciones: notas sobre una familia de Santo

Andrey Fábio Santos Sales

Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém/PA - Brasil

Resumo: O presente trabalho é motivado em descrever aspectos da trajetória de uma pesquisa à luz das Ciências da Religião, que tem como foco de abordagem os sistemas de relações e agenciamentos (LATOURET, 2012) dentro de um Terreiro de Tambor de Mina Nagô, em Belém do Pará. Assim, esta escrita propõe o compartilhamento de parte da metodologia do processo de compreensão e resolução do problema de pesquisa, na qual o pesquisador tem se dedicado para a construção de sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião, tendo como referencial provocativo, a ideia de não enxergar o terreiro apenas como um espaço, geograficamente, construído e inerte, mas como um mediador do diálogo e ensinamentos dos sistemas de relações entre seus sujeitos.

Palavras-chave: Terreiro; Família de Santo; Tambor de Mina Nagô.

Resumen: El presente trabajo surge por la motivación de describir un breve relato de la trayectoria de investigación a la luz de las Ciencias de la Religión, que se enfoca en los sistemas de relaciones y agenciamentos (LATOURET, 2012) dentro de un terreiro de tambor de mina nagô em Belém do Pará. El presente escrito propone compartir parte de la metodología del proceso de comprensión y solución del problema de investigación, que el investigador ha desarrollado para la construcción de su tesis de maestría en Ciencias de la Religión. Partiendo de la comprensión provocadora de no ver el terreiro sólo como un espacio geográficamente construido e inerte, sino como un mediador de diálogo y enseñanzas de los sistemas de relación por parte de sus sujetos establecidos.

Palabras clave: Terreiro; Família de Santo; Tambor de Mina Nagô.

Canto de chegada

Eu vim salvar a coroa do Divino.
Senhor meu pai, imperador rei de nascença
Caminho é longo.
Quase que eu não vinha.
Eu vim salvar a rainha Madalena.²⁷

Início pedindo a benção, o *agô*²⁸, que é o pedido de licença, para adentrar os espaços sacralizados e sacralizadores das religiões de matrizes africanas. Peço a benção de meus ancestrais, pois vislumbro neles a sustentação e motivação em escrever sobre família de santo e suas redes de relações. Seguindo uma *perspectiva macumbística* (RUFINO, 2017, p. 147), sinto a necessidade de não enxergar o terreiro apenas como um espaço geograficamente construído e inerte, mas como um mediador do diálogo e ensinamentos dos sistemas de relações construídos por seus sujeitos.

Cita-se, inclusive, que a vivência da prática da pesquisa sobre família de santo, também parte da construção contínua do aprendizado e exercício metodológico que se reconstrói a cada instante. A vivência do provérbio africano “só se levanta para ensinar, quem sentou para aprender” me atravessa enquanto pesquisador negro e afroreligioso, mediante ao entendimento de que os provérbios africanos podem circular e se (re)articular por meio de imagens e imaginário, tanto da memória, quanto na oralidade (OLIVEIRA, 2016, p. 23), e além disso, é inegável que eles (os provérbios africanos) possuem em seus saberes, o ato agregador e ao mesmo tempo a característica ancestral.

A partir da reverência manifestada no início deste trabalho, prossigo, como mencionei, no objetivo de compartilhar parte da escrita, em especial da metodologia, que tem sido desenvolvida na minha dissertação de mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), intitulada “Terreiro de Nagô: um estudo sobre Rede de Relação”, sob a orientação do professor Dr. Leif Ericksson Nunes Grunewald²⁹.

Assim, ao longo desta pesquisa torna-se relevante expressar que o presente texto, introduzido com cânticos e rezas de terreiro, surgiu a partir da ânsia em se conhecer e

²⁷ Cântico (doutrina) muito entoado nas chegadas das entidades em terreiros de Tambor de Mina no Pará, fazendo referência a sua chegada e reverência a Rainha Madalena, entidade cultuada como Nagô-Gentil associada a Iemanjá (PRANDI, 2011, p. 227).

²⁸ Palavra em iorubá que expressa o pedido de licença, entrada/passagem nos espaços sagrados dos afroreligiosos (SIQUEIRA, 1998, p. 275).

²⁹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados e foi professor visitante no mesmo programa de Pós-Graduação.

escrever sobre a religiosidade afro no contexto amazônico. Enxergo neste artigo uma extensão do processo de resistência, que nós, negros e afroreligiosos vivenciamos em nosso dia a dia. Ressalto ainda que, o trabalho apresentado também parte da proposta do relato de minha trajetória de pesquisa sobre um fato de suma importância para a existência e permanência das religiões de matriz africana no território paraense, mais especificamente, na região metropolitana de Belém, que é a temática da família de santo, bem como suas formas e redes de relações, configurando toda a estrutura grupal vivenciada dentro desse contexto religioso.

O terreiro a ser pesquisado fica localizado na Travessa Humaitá – nº 185 (Pedreira - Belém/PA) e foi fundado em 23 de abril de 1967, por José Ribamar Rodrigues, com uma seara de Umbanda denominada “Fé, Esperança e Caridade”. Ao longo de toda a sua história, a característica de culto à ancestralidade e aos responsáveis pela fundação do terreiro, sempre se fez presente e fortalece a justificativa para a perpetuação do espaço sacralizado.

Dentro dos modelos de família de santo encontrados nas casas de culto (VERGOLINO, 2003), isto é nos terreiros, constata-se que há a possibilidade de construção de uma linhagem que perpassa as esferas da constituição de família biológica e no sentido mais específico, é possível haver a criação de uma estrutura familiar de santo que busca criar mecanismos de agenciamentos, sendo eles mesmos, seus próprios intermediários, embora possam ser constituídos de várias partes (LATOUR, 2012, p. 65). Nessa perspectiva, com a preocupação de perpetuação deste contexto familiar de santo, há uma busca de repasse de herança sucessória religiosa, estabelecendo-se, assim, um ponto de possível análise da preocupação com as questões sucessórias, enquanto herança, alinhada ao incentivo de iniciação de crianças dentro dos terreiros de matriz africana, como forma de garantia de perpetuações dos costumes, ritos e culturas desses terreiros, enquanto fenômeno religioso.

Anteriormente mencionado, trago parte da metodologia empregada no processo de compreensão e resolução do problema de estudo, que se estrutura a partir da pesquisa decampo. Segundo Gil (2002), trata-se de um tipo de pesquisa “desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes, para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53).

Assim sendo, é importante citar, que minha trajetória de pesquisa sobre o terreiro mencionado se efetua desde o ano de 2015, quando ao adentrar na graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará, sob a orientação da historiadora e

antropóloga Dra. Taissa Tavernard de Luca³⁰, construí minha monografia intitulada “Terreiro de Nagô Yemanjá: um estudo sobre linhagem”³¹ (SALES, 2019). Neste trabalho analisei o processo da construção da linhagem de santo a partir do critério da patrilinearidade encontrada na história do Terreiro de Nagô Yemanjá. Assim, busquei verificar por meio de estudos etnográficos e bibliográficos, como se deu o processo de formação da linhagem histórica do terreiro. Um dos frutos dessa empreitada etnográfica foi a de manter as redes de contato com a liderança afrorreligiosa da casa e seus filhos de santo, contribuindo na perpetuação de minha escrita acadêmica iniciada na graduação.

Logo, este fato pode ser lido como uma das estratégias de permanência no campo para que assim seus componentes (líder religioso, filhos e filhas da família de santo) me ajudassem por meio de entrevistas formais e informais a subsidiar parte desta escrita, como também da dissertação sobre redes de relação que vem sendo produzida.

De certo, pensa-se a pesquisa etnográfica baseada no que Roberto Cardoso de Oliveira (2000), diz sobre o que vem a ser trabalho do antropólogo: “se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 31). A pesquisa de campo é aplicada, então, com o intuito de obtenção das informações de como os sujeitos pesquisados constroem o discurso de preservação de uma “linhagem”, atrelada a suas criações e manutenções de suas redes (LATOURET, 2012) e a observação participativa de como esse discurso se dá na prática religiosa, tanto no contexto ritual, quanto no social.

Assim, o presente trabalho está dividido em três partes: a primeira seção na qual faço um breve relato de minha trajetória-motivação de pesquisa e da forma como a minha rede de relações acadêmicas e pessoais se cruzaram com o campo investigado. Posteriormente, apresento o terreiro pesquisado, procurando relatar a historicidade do Terreiro de Nagô Yemanjá e, em seguida, apresento aspectos e parte dos resultados da pesquisa de mestrado em andamento, destacando metodologia empregada (pesquisa de campo), que se baseia na observação direta; captura de áudios e fotografias; entrevistas semiestruturadas, história de vida e caderno de campo.

³⁰ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (2000), mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2003) e doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2010). É referência quanto à temática das religiões de matrizes africanas e sua presença histórica no Pará.

³¹ Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará no 2019 que resultou no Prêmio Melhor TCC – 2018/2019.

Haja vista, diante dos objetivos em que a pesquisa se encontra, foi necessário se fazer presente na comunidade, tanto em festas religiosas, como em alguns rituais internos e observar o comportamento em torno do discurso da narrativa de sucessão e liderança de um sujeito entre eles, bem como, a visão das pessoas que interagem com o sistema comunitário da casa de santo.

Lembrança e família: o norteamento ao falar sobre família de santo

Salve Deus!
Salve o rosário de Maria!
Saravá Encantaria!
Salve quem tem fé!
Salve quem não tem!³²

Na pesquisa de mestrado venho trabalhando sobre família de santo, porque também sou acolhido e pertencente a uma. Assim, há uma lembrança a me orientar que atravessa os sentimentos atribuídos às vivências de família e esta lembrança, tem como figuração principal a minha mãe, Francisca Vieira Santos. Uma mulher negra, mãe de quatro filhos, nascida e criada na Sacramenta, bairro periférico em Belém do Pará. É muito válido ressaltar que o sistema de relação familiar de minha mãe, e consequentemente minha, também perpassa as teias de a(fé)to designada pelos encantados³³ do universo afroreligioso. Dona Francisca é filha de *Seô Baiano Grande*³⁴ e *Dona Mariana*³⁵, os quais estão em minha trajetória desde a infância. Assim como os

³² Saudação de chegada entoada por Dona Mariana incorporada em minha mãe. Dona Mariana é pertencente à família da Turquia e encantada presente nos terreiros de Tambor de Mina e Umbanda na cidade de Belém. A ela agradeço as grandes vivências entrelaçadas pelas relações afetivas e devocionais que guardo desde a infância.

³³ Descritos como seres que tiveram vida, mas que ao se encantar não passaram pela experiência da morte. Saíram deste mundo de forma fantástica e passaram a habitar as encantarias que se localizam em lugares geográficos, tais como locais de matas, rios, praias (LUCA, 2015, p. 197).

³⁴ Chamado de Baiano Grande Constantino Chapéu de Couro, conhecido popularmente como “Seô Baiano Grande”. Considerado chefe da Família da Baía, apresenta-se no terreiro como vaqueiro (PRANDI, 2011, p. 264-265).

³⁵ Encantada feminina também chamada de “Bela Turca” e “Arara Cantadeira”. Segundo Prandi (2011), embora seja pertencente a família da Turquia, chefiada por “Rei da Turquia”, Dona Mariana se apresenta em outros panteões da encantaria, por exemplo: a família de marinheiros, linha de Cura e como princesa (p.236).

Orixás regentes de sua *c'roa*³⁶, *Yemanjá*³⁷ e *Omolu*³⁸, deuses de força pura, imaterial e que evocam respeito e sabedoria ancestral.

Entre algumas conversas em nossa casa, ela me contava sobre as inúmeras vezes em que sofreu intolerância religiosa, por possuir o que ela denomina como “dom vindo de Deus”, vitimada pelo desconhecimento. Nascida em uma família extremamente católica, seus pais nunca compreenderam suas manifestações mediúnicas e determinadas ações decorrentes de seu dom, resultando em punições carregadas de severidades. O não entendimento, bem como, o costume atribuído ao tradicionalismo católico, vivenciado por meus avós na década de 1960, faziam com que a minha mãe sofresse as mazelas ocasionadas pelo racismo religioso, produto de uma sociedade excludente que subjuga as práticas e identidades afroreligiosas, historicamente subalternizadas.

As narrativas nostálgicas que ela me presenteia dizem respeito às suas experiências quando manifestadas em sua mediunidade. Desde os seus sete anos de idade, sua infância fora marcada por episódios de relação com o sagrado, por meio do transe mediúnico, levando-a a incorporação de suas entidades. Essas lembranças que carrego em minha caminhada provocam o entusiasmo em iniciar a pesquisa da dissertação falando de minha temática familiar, a qual denomino como norteadora das ações que me levaram a saber mais sobre família de santo.

Hoje, entendo o poder da resistência e da agência de minha mãe, junto de outras histórias de atores/sujeitos do santo. Esses indivíduos constroem e reconstróem suas narrativas, isto é, são porta-vozes de suas próprias definições e mobilizadores de suas redes de relações, pois o ator, no palco das dinâmicas afroreligiosas, nunca está sozinho ao atuar (LATOUR, 2012).

Sendo assim, nas an(danças) de construção desta escrita, houve a necessidade em realizar e fazer uso das técnicas de entrevistas, captando histórias de vida e da observação direta, cujo o objetivo foi o de lançar mão de metodologia que possibilitasse levantar dados acerca do terreiro pesquisado, bem como, sobre as motivações pessoais que me levaram a escrever sobre tal, ou seja, foi necessário “sentar para aprender”, tanto sobre eles, quanto sobre minha mãe, sobre mim e sobre a vida no terreiro.

³⁶ Significa cabeça de um médium que representa a parte sagrada de um corpo (SILVA, 2015, p. 251).

³⁷ Orixá iorubana, compoendo o panteão das Yabás (orixás femininas). Ligada às águas, sincretizada como Nossa Senhora da Imaculada Conceição e festejada no dia 8 de dezembro, segundo o calendário cristão católico (VERGER, 2002, p. 191-192).

³⁸ Orixá iorubano também chamado de Obaluaê, ligado ao elemento da terra, da doença e da cura. Sincretizado com São Lázaro e São Roque, sendo a segunda-feira o dia da semana dedicado ao Orixá (VERGER, 2002, p. 216).

Na elaboração de estratégias para a captura dos dados, simbolizados por memórias e vivências familiares, assim como minha atuação na área de formação em Ciências da Religião, possibilitaram o amadurecimento de questões sensíveis e norteadoras de minha atividade profissional, enquanto cientista da religião, e, ao mesmo tempo, andarilho das encruzilhadas de terreiro. Presenciadas desde a infância, as práticas de cura de *Dona Mariana* e sua performance ritualística, suscitaram em mim vários questionamentos resultantes da curiosidade acerca de sua forte presença na vida de minha mãe. Assim como o sistema de ajuda que se criava em torno dos que sempre lhe procuravam, inclusive as mães com suas crianças de colo vitimadas do quebranto³⁹.

O campo de pesquisa: Terreiro de Nagô Yemanjá no bairro da Pedreira

Terreiro de Nagô Iemanjá

[...] Aos meus zeladores, o meu eterno agradecimento, admiração e respeito, por tudo que fizeram por mim, que tenham, progressos, forças e luzes nessa estrada tão longa que é a missão da caridade para a humanidade.

(Trecho do registro memorialístico “Terreiro de Nagô Iemanjá” escrito por Pai Ribamar Rodrigues por volta década de 1970. Arquivo pessoal do terreiro).

A partir da compreensão de que o terreiro está localizado em espaço de grande relevância cultural e religiosa, pois uma das hipóteses é o fato de estar localizado na Pedreira, conhecido como bairro “do samba e do amor”, e também ser um dos bairros de maior concentração de terreiros de matrizes africanas na região metropolitana de Belém, registrado desde a década de 1970, por intelectuais como bairro “famoso pela excelência de seus terreiros de macumba (batuque, candomblé, etc.), parques de bois bumbás e terreiros de festas populares” (TUPINAMBÁ, 1973, p. 13).

Deste modo, é importante citar que o referido bairro é conhecido por reunir fatos históricos que remetem a uma grande relação com o samba. Sendo inclusive o bairro em que se encontra o sambódromo de Belém – Aldeia de Cultura Amazônica Davi Miguel – localizado na Avenida Pedro Miranda (uma das principais avenidas do bairro). O nome Pedreira foi atribuído devido ao grande número de pedras encontradas na localidade (NEGRÃO, 2014, p. 62).

Trata-se, inclusive de um dos bairros da grande Belém com maior concentração populacional e também o bairro que mais reúne povos tradicionais de matrizes africanas na cidade. Percebo que a permanência dos povos de terreiros neste espaço urbano é

³⁹ Geralmente tem-se como sintomas febres, molezas e mal-estar, resultado de um mau-olhado de uma pessoa sobre a outra, sendo mais comum em crianças (SILVA, 2015, p. 254).

bastante diversa, uma vez que por todo o bairro, podem-se encontrar vários terreiros de candomblé, tambor de Mina, umbanda e casas com práticas da pajelança cabocla.

Nos estudos feitos sobre a história do negro no Pará, Vicente Salles refere-se ao processo de transferência do povo negro do bairro de Umarizal para outros bairros periféricos de Belém, incluindo o bairro da Pedreira. Na obra “O Negro no Pará sob regime da escravidão” (1971), ao referir-se sobre a característica cultural e religiosa dos bairros ocupados pela população negra no contexto histórico de “dispersão” do centro da cidade, o autor nos aponta a seguinte afirmação:

Que desse bairro irradiou-se a cultura negra, como outrora fora um ponto de convergência, depois a população negra fora dispersada, forçada a se transferir para a periferia da cidade que se modernizava. O núcleo se desfez e o negro se espalhou por outros bairros: Pedreira, Guamá, Jurunas, Cremação, Sacramenta, Vila da Barca, etc... Nesses bairros, hoje encontramos os terreiros de macumba, o antigo batuque e o babaçuê, modernizado, sincretizado com o tambor-de-mina do Maranhão, o candomblé da Bahia e a umbanda carioca, e, ainda, alguns traços da pajelança cabocla (SALLES, 1971, p. 190-191).

Logo, podemos perceber que a presença da casa de santo pesquisada dentro do bairro da Pedreira se dá também por conta do processo histórico de urbanização da cidade de Belém e com isso, a transferência das práticas religiosas e culturais dos povos negros que outrora eram realizadas em bairros centrais – como o bairro do Umarizal – para bairros periféricos. Cito também a presença da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros (FEUCABEP) no bairro citado. Esses dados de pesquisa corroboram com diálogo entre o espaço e seus sujeitos que conosco conversam. Haja vista que compreendo o terreiro como um espaço afrorreligioso também comunicador e reflexo de uma rede de relações sociais humanas e não humanas (LATOIR, 2012).

Sujeitos/Atores - Terreiro de Nagô Yemanjá

Sobre parte dos resultados identificados por meio da metodologia da vivência e idas ao campo de pesquisa, pude constatar na historicidade da casa, características e sujeitos/atores que atuam marcadamente nas experiências afrorreligiosas dos sujeitos/atores da casa de santo.

Um dos apontamentos seria a de que caracteres e dizeres relacionados à caridade e à fé são considerados também valores que norteiam os alicerces de fundação do Terreiro de Nagô Yemanjá. Segundo consta nos arquivos pessoais do terreiro, Pai Ribamar

Rodrigues adentrou na umbanda no dia 23 de abril do ano de 1965 tendo como mãe de santo Inez Teixeira, belenense e umbandista conceituada. Seu terreiro chamava-se Terreiro de Umbanda Omolocô “Pai João de Angola”, hoje extinto. Na casa de culto, eram exercidas suas funções com base na religião Omolocô⁴⁰, nos idos da década de 1960. Com o falecimento de Mãe Inez, Pai Ribamar passou a aderir aos rituais do Tambor de Mina Nagô, tornando-se mineiro.

Outra personagem importante no panteão de fundação histórica do terreiro foi Mãe Margarida Queiroz, mãe biológica de Pai Ribamar Rodrigues. Mulher negra e de meia idade, era conhecida por suas atividades umbandistas no bairro da Pedreira. Margarida Queiroz, juntamente com o seu filho, iniciou seus trabalhos mediúnicos com uma Seara de Umbanda⁴¹ denominada “Fé, Esperança e Caridade”, nome inicial do que hoje se configura no Terreiro de Nagô Yemanjá.

Neste espaço, eram realizados pequenas atividades através de passes⁴², banhos com ervas e consultas espirituais. Em 1974, José Ribamar preparou-se na nação Omolocô, na casa da Mãe Inez Teixeira. Com o falecimento desta, em meados da década de 1980, o fundador da casa tirou o *vumbi*⁴³ e aderiu ao Tambor de Mina Nagô na casa de Pai Benedito Saraiva, no Terreiro de Nagô Santa Bárbara, também situado na Travessa Humaitá, bairro da Pedreira.



IMAGEM 01: Pai Benedito Saraiva, Pai Ribamar Rodrigues (ao centro) e Mãe Margarida Queiroz. Arquivo pessoal do Terreiro de Nagô Yemanjá. Acesso em fev. de 2023.

⁴⁰ Tem seu culto de origem nas práticas ritualísticas da nação angola (LUCA, 2010, p. 241). Segundo SILVA (2018), seria uma religião que “organizou-se majoritariamente na Zona da Mata em Minas Gerais, no estado do Rio de Janeiro, no nordeste do estado de São Paulo e em parte do Espírito Santo; o nome é de origem *iorubá* e existem várias opiniões a respeito de seu significado” (SILVA, 2018, p. 09).

⁴¹ Casa onde os cultos afroreligiosos são caracterizados pelas práticas ritualísticas da umbanda.

⁴² Preces espirituais com imposição das mãos na cabeça do consultante, podendo ser realizada pelo médium dirigente da casa ou por caboclos incorporados em seus “cavalos”.

⁴³ Ritual feito após um período de um ano ou mais da cerimônia fúnebre do pai ou mãe de santo falecido (a). Cerimônia é realizada nas pessoas que foram iniciadas pela pessoa que morreu para que se tire a “mão do morto da cabeça do iniciado”.

Esta fotografia realizada por ocasião do *deká*⁴⁴ de Pai Ribamar Rodrigues, nos idos do ano de 1983, retrata o sentimento familiar tanto ritualístico (santo) quanto social (biológico). Visto que um dos agenciamentos atribuídos a Ribamar Rodrigues, era o do grande respeito e afeto aos seus familiares. A família biológica entrelaça-se com a família ritualística criada a partir do teor religioso. Em face do óbito de Pai Ribamar Rodrigues em 1994, seu filho biológico, Fernando Rodrigues, assumiu a responsabilidade pelo terreiro, realizando sua feitura no ano de 1996, na mesma casa de santo liderada por Pai Benedito Saraiva, no referido Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara em que seu pai foi feito.



IMAGEM 02: Pai Fernando ainda criança acompanhando Pai Ribamar Rodrigues no Terreiro de Nagô Santa Bárbara. Arquivo pessoal do Terreiro de Nagô Yemanjá. Acesso em fev. de 2023.

O ato do sentar para aprender é um ato ancestral. A foto acima, realizada nos espaços sagrados do terreiro fundado por Pai Benedito Saraiva (Terreiro de Nagô Santa Bárbara), retrata o poder simbólico de um pai ensinando (na prática) o seu filho a importância do sentar para aprender. Ambos sentam, aprendem e hoje me ensinam.

Assim, ao dar continuidade à hierarquia no santo, no ano de 1996, Pai Fernando, quando tinha 21 anos, realizou sua feitura sendo consagrado babalorixá⁴⁵ sete anos depois, no ano de 2003. Tais informações sintetizam as narrativas que o campo me

⁴⁴ Cargo conferido ao religioso, atribuindo a ele o título de pai de santo. Neste ritual recebe-se a autorização a abrir sua própria casa de santo e formar sua família.

⁴⁵ O mesmo que Pai de Santo.

apresentou como parte da história de fundação da casa e os sujeitos que compuseram esse grande sistema de relação intragrupal (LIMA, 2003). Nessas conversas são enfatizados os discursos de descrições históricas, atribuindo o peso simbólico do tradicionalismo mineiro que pertence à raiz familiar do Terreiro de Mina Nagô Yemanjá e, por conseguinte, faz referência sua inserção à própria história de origem do Tambor de Mina no estado do Pará (SALES, 2021).

Considerações finais

A realização deste relato, pretende também tornar o campo de estudos das Ciências da Religião ainda mais rica em métodos de luta contra as mais diversas formas de racismo religioso para com os povos tradicionais de matriz africana na Amazônia. Visto que o racismo religioso busca “moldar uma sociedade em que as práticas não eurocentradas, a que inclui as religiões afro-brasileiras, mas não só, são discriminadas, criminalizadas e perseguidas seja de forma normativa” (OLIVEIRA, 2017, p. 48), inclusive epistemologicamente. E neste sentido, é necessário também construir alternativas de diálogos científicos sobre conceitos importantes para o processo de construção de conhecimento dentro do contexto acadêmico, dando ênfase ao aprendizado da escuta e do respeito para com estes povos. Dado que, a partir do momento em que se estuda as religiões de matriz africana como fator cultural e social, por meio de contato com o campo, há a possibilidade de reflexões encabeçadas pela temática do combate a cultura racista existente no processo de formação nestas áreas de construções metodológicas.

Referências

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed. – Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução a Teoria Ator-Rede**. Bauru, SP: EDUSC; Salvador, BA: EDUFBA; 2012.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupal**. – 2 ed. – Salvador: Corrupio, 2003.
- LUCA de, Taissa Tavernad. **Dom Manoel (O venturoso): o rei expansionista do Tambor de Mina Amazônico**. Estudos de Religião, v. 29, n. 2, pp. 194-220, jul.-dez. 2015.

NEGRÃO, Shayene. **Do samba e do amor**: um estudo de caso sobre o carnaval do bairro da Pedreira sua perspectiva turística. Monografia (Bacharelado em Turismo – Faculdade de Turismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa**: A circulação dos provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários / Alan Santos de Oliveira; orientador Gustavo de Castro e Silva. - Brasília, 2016. 120 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, 2016.

OLIVEIRA, Ariadne Moreira Basílio de. **Religiões afro-brasileiras e o racismo**: contribuição para a categorização do racismo religioso. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados / Reginaldo Prandi, organizador; textos de André Ricardo de Souza et al. – Rio de Janeiro: PALLAS, 2011.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2017.

SALES, Andrey Fábio Santo. **Terreiro de Nagô Yemanjá**: um estudo sobre linhagem. / Andrey Fábio Santos Sales. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

_____. **Terreiro de Nagô Yemanjá**: Introdução a um estudo sobre linhagem. Anais dos Simpósios da ABHR, 2021.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará**: sob o regime da escravidão. – Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971

SILVA, Anaiza Vergolino. **O Tambor das Flores**: uma análise da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros (1965-1975). Belém: Paka-Tatu, 2015.

SILVA, Walerson Fernandes da. **O culto omolokô e sua relação com a umbanda e o candomblé**. / Walerson Fernandes da Silva. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Bacharelado em Interdisciplinar em Ciências Humanas), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora - Juiz de Fora, 2018.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô Agô Lonan**: mitos, ritos e organização em terreiros de candomblé da Bahia. Mazza Edições, 1998.

TUPINAMBÁ, Pedro. **Batuques de Belém**. Belém: Academia Paraense de Letras, 1973.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás deuses iorubas na África e no novo mundo**. Salvador: Corrupio, 2002.

VERGOLINO, Anaíza. Os Cultos Afro no Pará. In: FONTES, Edilza Joana (org.). **Contando a História do Pará**: Diálogos entre a História e a Antropologia. Belém: E. Motion, 2003.

SOBRE O AUTOR

Andrey Fábio Santos Sales

Mestre em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (2021). Graduado em Licenciatura Plena em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (2019). Integrante do Grupo de Estudo de Religiões de Matriz Africana na Amazônia - GERMAA/UEPA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0916-2896>

E-MAIL: salesandrey00@gmail.com

Recebido: 25/08/2022

Aprovado:29/10/2022